

A apropriação tropical da Cidade-Jardim – o caso moçambicano

Mário G. FERNANDES (1) Rui MENDES (2)

Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

(1) mgfernan@letras.up.pt (2) ruipaesmendes@gmail.com;

O conceito de cidade-jardim

O conceito de cidade-jardim formulado por Ebenezer Howard consistia numa reflexão e reacção em relação ao crescimento urbano ditado pela industrialização de padrão locativo urbano que tornava as cidades cada vez mais caóticas, insalubres, sobrepovoadas, potenciadoras de promiscuidade e desajustadas, portanto, à vida em comunidade.

A bibliografia sobre a cidade-jardim é imensa e já lhe dedicamos cuidada atenção noutro momento e contexto. Assim, num esforço de clarificação de conceitos, aqui se transcreve parte daquele contributo, simplificado pelo corte de alguns parágrafos e de muitas das referências bibliográficas, consultáveis no original¹:

Ebenezer HOWARD, estenógrafo e inventor e reformista², publicou em 1898 um pequeno livro com o título *To-morrow: A peaceful path to real reform*, modificado em segunda edição, de 1902, para *Garden Cities of To-morrow*. Howard colocava a questão de uma forma simples. Era opinião generalizada, assegurava Howard, ser *profundamente deplorável o facto de que as pessoas continuem afluindo a cidades já superpovoadas, despovoando assim mais e mais os distritos rurais*. (...) Se as pessoas eram seduzidas pelos atractivos das grandes cidades, a solução passava por construir outros atractivos, que fossem *ímanes de um poder de atracção superior*. Os ímanes existentes eram dois: a cidade e o campo. A cidade possuía vantagens relacionadas com maiores oportunidades de emprego, rendimentos mais elevados, existência de locais de entretenimento e facilidade de contactos sociais. O campo oferecia a beleza da natureza, ar limpo e abundância de água, além de baixos alugueres. Importava construir o *terceiro íman*, ou seja, a *cidade-campo* ou *cidade-jardim*, cujo poder derivaria da possibilidade de conciliar as vantagens de ambos, eliminando as desvantagens.

A *cidade-jardim* seria uma nova povoação inserida no centro de uma área agrícola da qual seria o mercado natural e privilegiado e para a qual escoaria os seus resíduos transformáveis em fertilizantes. Em termos populacionais não deveria ultrapassar os 30 mil habitantes aos quais se acrescentariam 2 mil da área agrícola envolvente. A sua estrutura poderia *adoptar uma forma*

¹ Mário G. FERNANDES, 2005, pp. 69-72.

² No prefácio à reedição, em 1946, da obra de Howard de 1902, F. J. OSBORN (1965, 1ª edição 1946) descreveu a vida e a personalidade de Ebenezer Howard (1850-1928).

circular, com 5 avenidas concêntricas e 6 boulevards radiais. O centro da cidade seria ocupado por um grande jardim, rodeado por edifícios públicos (câmara municipal, salas de concertos e conferências, teatro, biblioteca, museu, hospital, etc.), por sua vez circundados por um *Central Park*, que seria delimitado exteriormente por uma ampla arcada de cristal, virada para o parque e denominada Palácio de Cristal. A partir daqui começaria a área de residência, que se estenderia até às proximidades da periferia da cidade. As fábricas e armazéns localizar-se-iam no *anel exterior*, (...) para tirar partido da localização junto à via férrea que circundaria a cidade e que se articularia com a linha férrea principal, a qual atravessaria o termo municipal e ligaria a outras cidades-jardim, admitindo-se a existência de uma *cidade central*, maior, que articularia um sistema urbano, que Howard esquematizou em diagrama. (...) Quando cada cidade-jardim atingisse o previsto número limite de habitantes, fundar-se-ia um novo núcleo, ou seja, dava-se um *salto* sobre a cintura rural que seria assim preservada. Com o respeito deste princípio, chegar-se-ia à concretização, ao longo do tempo, de uma *constelação de cidades* agrupadas em torno de *cidades centrais*.

Finalmente, Howard ocupou mais de metade da sua obra com a descrição e explicação, pormenorizada, das bases financeiras e do sistema de gestão da cidade-jardim, o qual deveria assentar na ideia de que toda a propriedade seria municipal e gerida pela comunidade, sendo esta constituída por cidadãos/cooperantes cada qual contribuindo com uma *cota de participação*. As suas propostas resultavam de um pensamento reformista e metódico, ao mesmo tempo progressista e culturalista. (...).

A opinião, genericamente favorável, com que foi recebida a obra de Ebenezer Howard levaria à criação da *Garden-City Association*, em 1899 (em 1912 seria fundada a *International Garden Cities Federation*), e às tentativas de concretização. Em 1904, Howard promove a construção de uma cidade-jardim em Letchworth (56 quilómetros a Norte de Londres), cujo plano foi desenhado pelos arquitectos ingleses Raymond Unwin e Barry Parker. Letchworth, (...) tornar-se-ia num exemplo concreto de cidade-jardim (...), mas já não era apenas o resultado das ideias howardianas, sendo antes o resultado de um somatório de contributos e devendo muito aos de Unwin e de Parker.

(...) o plano de Letchworth tem poucas semelhanças com os diagramas que Howard apresentou para apoio à sua descrição. (...) No entanto, é possível verificar, em referências dispersas pelo texto, que encarava o arruamento, o quarteirão e o lote como elementos de base para a composição morfológica e que privilegiava a casa unifamiliar como tipologia de alojamento. (...)

Letchworth, pela distância exagerada em relação a Londres, pela carência de estruturas produtivas e pela sua incompletude, derivada da falta de concretização de alguns equipamentos colectivos e de edifícios simbolicamente importantes como o *Palácio de Cristal*, acabaria por não ter a força de atracção magnética que Howard pretendia (...). Outro destino teria Hampstead, projectada em 1905 pelos mesmos Unwin e Parker e com início de construção em 1909. Ao localizar-se na periferia de Londres, (...) *Hampstead Garden* constituir-se-à como *um verdadeiro paradigma do subúrbio-jardim do século XX, um tipo de implantação que, ainda que em diferentes declinações, terá amplo eco na Europa e na América*³. (...) A publicação de *Town Planning in Practice* (1909), por Raymond Unwin, promoveria, por sua vez, as práticas de planeamento presentes naquele *subúrbio-jardim*.

³ Benedetto GRAVAGNUOLO, 1998, pp. 119 e 122.

Em Letchworth e principalmente em Hampstead, o plano urbano seria adaptado ao local e desenhado, com recurso quer ao segmento de recta quer à linha curva. Em ambas, aplicaram-se ensinamentos da *arte urbana* de Camillo Sitte⁴ e desenvolveram-se soluções tipológicas de agregações de casas em *close* e em *cul-de-sac*, rompendo com a maneira como se encarava o quarteirão na cidade tradicional. Aliás, mais do que a ideia howardiana de cidade-jardim, foram os *planos residenciais de Unwin, que tiveram uma influência generalizada*⁵.

(...) Assim, uma das perspectivas subjacentes à expressão *cidade-jardim* foi, na sua forma mais redutora, a que assentava na agregação de casas unifamiliares rodeadas de verdura, ideia particularmente difundida na Europa continental. (...) A outra perspectiva foi a que, apesar de também se apresentar sem todos os requisitos do modelo howardiano, converteu a cidade-jardim numa referência bem mais ampla ao princípio de uma equilibrada programação de núcleos suburbanos e de pequenas cidades-satélite ricas em espaços verdes e em equipamentos colectivos⁶. De facto, os conceitos de *cidade-jardim* e *subúrbio-jardim* desempenharam importante papel na definição do novo âmbito disciplinar do *town planning*. As ideias de Howard como as de Unwin, associadas às de Patrick Geddes e Patrick Abercrombie, entre outros, (...) convergiram no seio do *Town Planning Institut* (fundado em 1914), constituindo alicerces para o desenvolvimento dos métodos de planeamento territorial.

(...) A obra de Howard gerou um movimento em favor das cidades-jardim que influenciou a maioria das concretizações europeias, particularmente a seguir à guerra de 1914-1918⁷, e que se prolongou pelo tempo e pelo mundo⁸.

A apropriação tropical da cidade-jardim

Se numa primeira fase de disseminação conceptual e implantação das cidades-jardim, estas se estabeleceram em espaços industrializados, numa segunda fase são adoptadas e vêm a desenvolver opções diversas em áreas onde a industrialização era ténue e o povoamento limitado. Estava neste caso o continente africano, espaço que conhecia crescente importância para as nações europeias e atraía, de forma lenta mas sustentada, um número crescente de emigrantes provenientes da Europa. Aqui nasceram ou ampliaram-se inúmeras cidades de raiz europeia que beberam a sua inspiração no modelo cidade-jardim, compreendendo-se a afirmação de que "(...) si l'on excepte l'expérimentation de son inventeur Ebenezer Howard, c'est d'abord outre-mer que les réalisations les plus spectaculaires ont été exécutées"⁹.

⁴ Cujas influências foram explicitamente assumidas por Raymond UNWIN, (1908, pág. 417).

⁵ Edward RELPH, 1990 1ª edição 1970, pp. 59-60.

⁶ Benedetto GRAVAGNUOLO, 1998, pág. 125.

⁷ Pierre LAVEDAN, 1952, pág. 152.

⁸ *Existem muitas cidades novas espalhadas pelo mundo e milhares de "subúrbios-jardim" plantados nas orlas das cidades, que incorporam as características físicas das cidades-jardim originais. Mas estas ignoram invariavelmente as ideias sobre a vida comunal e a economia. (...) foram as práticas de planeamento, os traçados das ruas e a arquitectura doméstica rústica, mais do que os ideais de reforma, que foram copiados.* (Edward RELPH, 1990 1ª edição 1970, pp. 61-62).

⁹ Catherine COQUERY-VIDROVITCH, 2003. pág. 27.

A cidade-jardim configurava uma opção surpreendentemente adequada às características espaciais do continente africano e às características políticas preconizadas pelas nações europeias para as suas colónias africanas: por um lado, pelas questões relacionadas com o clima e a insalubridade de muitas áreas de implantação dos assentamentos; por outro, porque era um instrumento político útil para acentuar a segregação racial entre dominador e dominado. Assim, “l’expansion des ‘cités-jardins’ coloniales connut entre les deux guerres un grand succès en Afrique australe où s’affirmait la ségrégation résidentielle”¹⁰, que era chave no domínio económico, político e técnico dos europeus.

Foi dentro daqueles dois eixos que estas cidades se construíram (ou se adaptaram) vincando o carácter de entreposto económico entre a metrópole e o sector produtivo da colónia no qual os brancos dominavam e os negros eram mão-de-obra com acesso restrito ao coração da cidade. Desta forma, a cidade-jardim africana é iminentemente um espaço racional, moderno e funcional idealizado para a população branca colonial assegurando que “a segregation principle was embodied by separate architectural languages for the colonies and colonizing nations”¹¹ de acordo com as especificidades climáticas dos trópicos.

Assim, o modelo das cidades-jardim foi no contexto africano uma ferramenta muito importante para aplicar e cristalizar a segregação urbana sócio-racial que viria a predominar no continente nas mais diversas esferas coloniais – com óbvias adaptações - durante décadas, seja na África do Sul, onde investigações recentes demonstram a influência que a abordagem arquitectónica e urbanística dos seus arquitectos tiveram na arquitectura tropical e no modelo da cidade-jardim adaptada aos trópicos, mas igualmente na esfera britânica com Nairobi, na África francesa com Dakar ou no Magrebe com as *villes nouvelles*¹², e também na África portuguesa onde o caso de Lourenço Marques/Maputo é esclarecedor.

Se a cidade construída em África visava a integração da população europeia num espaço hostil, assumia igualmente a componente inversa para as populações autóctones ao acondicionar a população negra, profusamente dividida em etnias diversas¹³ e que criava uma série de barreiras artificiais entre a população negra e branca aproveitando a concepção adquirida (e neste contexto instrumentalizada) “the newly established building and health regulations were applied only in the European enclaves, which were effectively separated from non-European zones by the new *cordons sanitaires* of railway lines, parade grounds, police barracks or racecourses, reinforced by judiciously placed military cantonments”¹⁴, que de forma psicológica criava uma sensação de segurança junto aos efectivos europeus.

¹⁰ Idem, pág. 27.

¹¹ Patricia MORTON, 2000, pág.7.

¹² Gwendolyn WRIGHT, 1991. A este respeito escreveu: “Touch the indigenous cities as little as possible. Instead, improve their surroundings where, on the vast terrain that is still free, the European city rises, following a plan which realized the most modern conceptions of large boulevards, water and electrical supplies, squares and gardens, buses and tramways, and also foreseeing future extensions”.

¹³ São inúmeros os exemplos que demonstram conflitos físicos existente em diversas cidades africanas fruto da convivência de etnias diversas e concorrentes que bastas vezes terminam em violência, como o foram Nairobi (década de 1950) e Brazzaville (1959).

¹⁴ David DRAKAKIS-SMITH, 2000, p. 43.

A evolução do modelo das cidades-jardins nos trópicos africanos aprofunda as opções relativas às barreiras artificiais entre os espaços urbanos “multiplicando-se o verde, o embelezamento do espaço urbano, nomeadamente através da construção de parques e campos de golfe, sendo clara a emancipação a modelos arquitectónicos quer autóctones, quer metropolitanos, acentuando-se a fusão, o hibridismo, enfim a busca de uma imagem, de um modelo ou caminhos próprios muito potenciada pelo crescimento da iniciativa privada que com os seus ganhos na economia colonial introduzem novas contribuições de estilo cada vez mais distantes das oficiais e algo conservadoras da administração colonial”¹⁵.

A cidade-jardim em Moçambique

O poder metropolitano detinha recursos financeiros limitados para investir nos espaços urbanos ultramarinos, pelo que os grandes investimentos na monumentalização dos espaços urbanos, ficaram confinados às cidades de grande dimensão capazes de gerar riqueza que permitisse algum reinvestimento no espaço urbano local. Desta forma, em Moçambique apenas Lourenço Marques/Maputo e a cidade da Beira (e em Angola apenas Luanda, Nova Lisboa/Huambo e o Lobito) viram os seus recursos ampliados e estiveram sujeitas a investimentos que implicavam grandes intervenções arquitectónicas nos centros das cidades. Em contrapartida, quer nas áreas residenciais das grandes cidades, quer nas cidades de média dimensão e, em especial, nas de pequena dimensão, a aposta centrou-se no desenvolvimento do modelo das cidades-jardim, predominando as moradias unifamiliares. De qualquer forma, na generalidade das cidades, o modelo passava por marcar o centro da aglomeração com alguma monumentalização dos edifícios do poder, enquanto “nas zonas residenciais continuavam a ser utilizados elementos seleccionados do repertório da cidade jardim”¹⁶.

Lourenço Marques/Maputo reflectiu em muitos dos seus espaços a importância do conceito de cidade-jardim quer na paisagem geral da cidade, quer em casos e situações pontuais. Na planta de matriz ortogonal da cidade são muitos os espaços que reflectem aqueles princípios em especial nas áreas residenciais destinados aos brancos mas igualmente em alguns casos nas destinadas à população negra, desde que assimilada.

Em 1939, por exemplo, como forma de integrar a população negra, foi construído um bairro modelo claramente influenciado pelas morfologias de tipo cidade-jardim, denominado Munhuana (Mafalala) e destinado a receber “uma parte da população indígena, que actualmente habita nos subúrbios da cidade, em edifícios de desagradável aspecto e desprovido das mais elementares condições higiénicas”¹⁷.

¹⁵ Rui MENDES, 2012, pág. 68.

¹⁶ *Idem*, pág. 36.

¹⁷ Boletim Geral das Colónias, Nº 165, 1939, pág. 91.

Fig. 1 – Vista aérea do bairro indígena de Munhuana (1943)



In Moçambique, Documentário Trimestral, nº 34, 1943

Além disso, como nos anos quarenta Etienne De Gröer preconizava os princípios da cidade-jardim para cidades da metrópole (como Coimbra ou Braga) e para Luanda, também o Plano de desenvolvimento de Lourenço Marques, de 1952, proclamava, naturalmente, objectivos idênticos: “a) reestruturação do preexistente, por complementação e reforço da imagem urbana através do edificado excepcional e do redesenho dos espaços públicos; b) consolidação das periferias, de ocupação incaracterística, por via da tipologia habitacional; c) proposição de novas áreas, predominantemente de carácter residencial, de acordo com as teorias das novas cidades-jardim e, mais particularmente, no conceito das ‘unidades de vizinhança’, transporta pragmaticamente para os bairros indígenas”¹⁸.

Consequentemente, surgem novas áreas de expansão residencial em Lourenço Marques que, mantendo aspectos segregacionistas cada vez mais assentes em razões sócio-económicas, seguem o modelo da cidade-jardim. Assim, possuem arruamentos amplos, bem cuidados e com espaços verdes públicos, são constituídas por moradias unifamiliares de baixa volumetria e inseridas em lotes com área para jardim, apresentam uma construção sólida e com bons acabamentos, sendo frequentemente desenhadas por arquitectos de renome, de acordo com a capacidade económica dos seus ocupantes.¹⁹

Mas as realizações desta índole não se limitaram à capital da colónia, podendo referir-se exemplos em Nampula, na Beira ou em Porto Amélia. Nampula, embora sendo uma cidade construída com objectivos militares morfológicamente explicitados nas três amplas avenidas que estruturam toda a cidade, tem grande parte dos bairros residenciais marcados pela inspiração da cidade-jardim. De crescimento

¹⁸ João Sousa MORAIS, 2001, pág. 162.

¹⁹ Rui MENDES, 2012, pág. 305.

demográfico e urbanístico rápido desde a sua fundação à elevação a cidade (1956), densifica-se sem que a volumetria do edificado se alterasse, predominando os espaços amplos e ajardinados com várias moradias de traça regionalista portuguesa.

Na cidade da Beira, em virtude dos recursos financeiros que esta captava, existiu uma política assumida em criar uma cidade bela, onde o espaço verde e ajardinado assente numa malha urbana estilizada inspirada no classicismo e arrojadas propostas arquitectónicas, por vezes de uma modernidade desconcertante. As diversas áreas funcionais do espaço urbano funcionam como unidades coerentes no qual a praça/jardim desempenha um papel de destaque. As áreas residenciais, de moradias unifamiliares, igualmente com um jardim como área central, dispersas ao longo da costa estão ligadas umas às outras – e destas às diferentes áreas do núcleo urbano – por extensas avenidas ajardinadas.

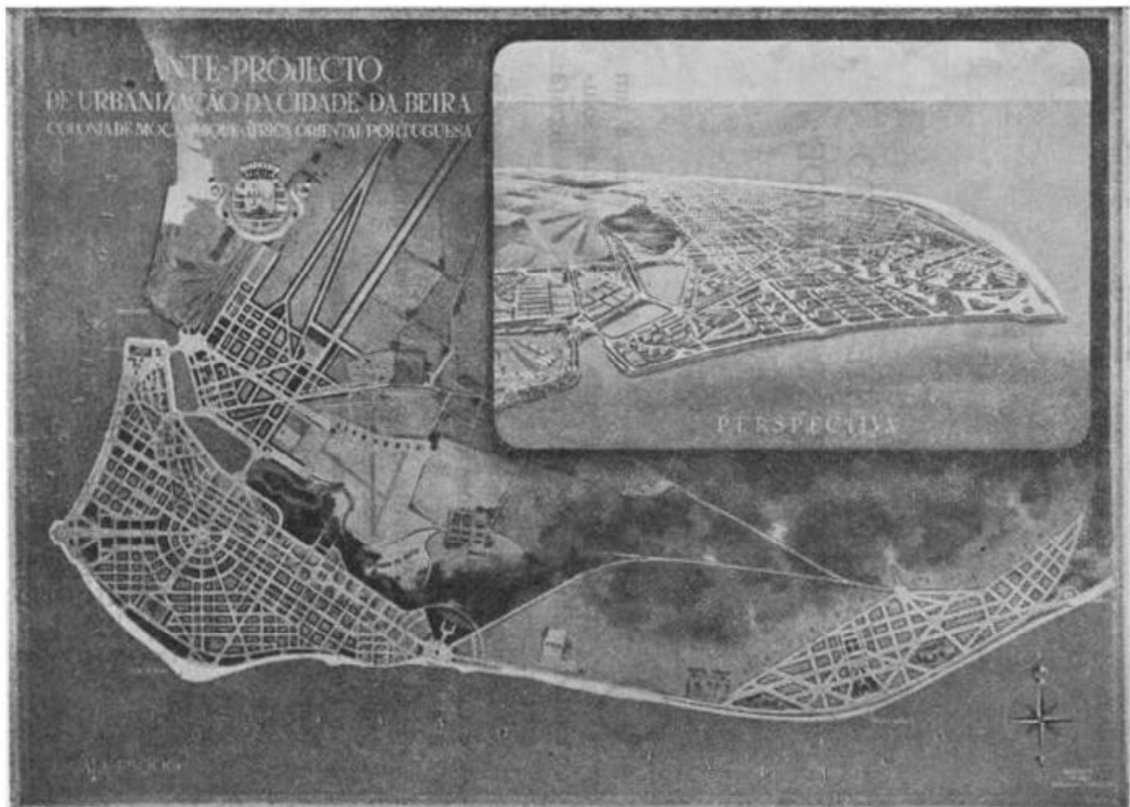
Na antiga Porto Amélia (actual Pemba) também o Antepiano Geral, apresentado em 1950, estrutura o assentamento nos princípios da cidade-jardim que a partir daí iriam guiar o seu desenvolvimento, sendo estas características essencialmente visíveis na segunda área de expansão que corresponde ao planalto, cuja implantação se iniciou na década de (19)20, tendo crescido como “função residencial de baixa densidade e volumetria de acordo com os princípios da cidade-jardim. Estes princípios, na qual a vegetação desempenhava um papel importante, servia os objectivos da arquitectura tropical de protecção ao clima sendo mais um elemento a integrar na elaboração dos projectos das habitações (...) unifamiliares e junto aos principais eixos da cidade”²⁰.

Acompanhando o que se passava um pouco por toda colónia, como em todas as pequenas povoações onde os recursos eram limitados, “a densidade de edificação das zonas residenciais era programaticamente muito baixa, sendo de preferência utilizado o tipo da moradia unifamiliar isolada. Nos planos destas cidades foram, portanto, adoptadas soluções compositivas que conjugavam as exigências representativas com o mito burguês da cidade jardim”²¹.

²⁰ Rui MENDES, 2012, pág. 476.

²¹ Sandro BRUSCHI, Júlio CARRILHO, Luís LAGE, 2005, pág. 27.

Fig. 2 - Anteprojecto de Urbanização da Cidade da Beira, Arqs Ribeiro Alegre e José Porto (1943)



In Boletim Geral das Colónias XXII – 249

Fig. 3, 4 e 5 – Exemplos dos diferentes tipos de vivenda em bairro-jardim (Nampula)



Fig. 6 - Ante-Plano Geral de Urbanização de Porto Amélia, arranjo da área urbana existente - Arq. João Aguiar - Gabinete de Urbanização Colonial, Ministério das Colónias, Planta de trabalho (1950)



Arquivo Histórico de Moçambique – Montagem a partir de fotos de Mário Gonçalves Fernandes, 2011

Fig. 7, 8 e 9 – Três exemplos de residências unifamiliares em Pemba (ex-Porto Amélia)



Bibliografia:

BRUSCHI, Sandro, CARRILHO, Júlio, LAGE, Luís (2005), *Pemba - as duas cidades*, FAPF.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine (2003), *La Ville pré-coloniale*, in *Processus d'urbanization en Afrique*, ed. Catherine COQUERY-VIDROVITCH, tome I Éditions L'Harmattan.

David DRAKAKIS-SMITH (2000), *Third World Cities* (2nd ed.), Routledge.

FERNANDES, Mário G. (2005), *Urbanismo e morfologia urbana no Norte de Portugal*. (...). Porto, FAUP Publicações.

GRAVAGNUOLO, Benedetto (1998), *Historia del Urbanismo en Europa, 1750-1960*, Madrid, Akal Ediciones.

LAVEDAN, Pierre (1952), *Histoire de l'urbanisme, Époque Contemporaine*, Paris, Henri Laurens Ed..

MENDES, R. P. (2012), *A Cidade colonial e a estruturação do território em Moçambique: a evolução urbana de Lourenço Marques/Maputo, Beira, Nampula e Porto Amélia/Pemba*. Tese de Doutoramento em Geografia Humana, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

MORTON, Patricia, *Hybrid Modernities: Architecture and Representation at 1931 Colonial Exposition*, Paris, Massachusetts Institute of Technology Press, 2000.

OSBORN, F. J. (1965, 1ª edição 1946), "Preface" introdutório à reedição de Ebenezer Howard (1902), *Garden Cities of To-Morrow*, S. Paulo, Martins Fontes, pp. 9-28.

RELPH, Edward (1990 1ª edição 1970), *A Paisagem Urbana Moderna*, Lisboa, Edições 70.

MORAIS, João Sousa (2001), *Maputo, Património da Estrutura e Forma Urbana – Topologia do Lugar*, Livros Horizonte.

UNWIN, Raymond (1908), "The Planning of the Residential Districts of Towns", in *International Congress of Architects*, Seventh Session, Transactions, London, Royal Institute of British Architects, pp. 417-425.

WRIGHT, Gwedolyn (1991), *The Politics of Design in French Colonial Urbanism*, University Of Chicago Press.